
**REFLEXÕES SOBRE O DEBATE INTELECTUAL NOS
ROMANCES *REPRODUÇÃO*, DE BERNARDO CARVALHO E
VERÃO, DE J. M. COETZEE**

Paula Alves das Chagas
Orientadora: Lucia Helena
Doutoranda

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo problematizar uma questão corrente no atual panorama dos estudos literários: a superexposição da figura do autor na mídia, que tem contribuído para a transformação do escritor em “intelectual de plantão”, como afirmou Silviano Santiago em *O cosmopolitismo do pobre* (2004). Para tal, pretendemos discutir a relação entre a imagem intelectual assumida pelos escritores Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee perante a mídia literária, bem como a reflexão crítica promovida em sua escrita ficcional, a partir do estudo dos romances *Reprodução* (CARVALHO, 2013) e *Verão* (COETZEE, 2009). Conforme Santiago, “a entrevista serve muitas vezes ao escritor de trampolim para discussões públicas sobre idéias *implícitas* na obra literária” (SANTIAGO, 2004, p. 65). Neste cenário, o texto literário é, muitas vezes, preterido em relação à imagem intelectual assumida pelo escritor, que desempenha também a função de “administrador de cultura” (BAUMAN, 2011; 2013). Ao observar a ficção de Carvalho e Coetzee, nota-se uma forte reflexão sobre a “banalidade da escrita”, o debate intelectual e o papel assumido por escritores, jornalistas e críticos no meio cultural em que atuam. Os romances estudados neste trabalho promovem uma ampla discussão acerca do tratamento da arte como produto a serviço do crescente mercado literário. Interessa-nos, sobretudo, o discurso atribuído aos personagens Vincent (*Verão*) e o estudante de chinês (*Reprodução*), no que se refere à escassez do debate intelectual nos principais meios de comunicação de massa. Portanto, estabeleceremos uma comparação entre alguns dos diálogos que compõem os citados romances: em *Reprodução*, trata-se da primeira parte do livro, na qual o estudante de chinês é interrogado; em *Verão*, as entrevistas concedidas ao personagem biógrafo Vincent. Integram a base teórica desta pesquisa as entrevistas concedidas por ambos os autores, além do pensamento crítico desenvolvido por Lucia Helena, sobretudo em seus dois últimos livros (2010, 2012).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Mercado. Debate intelectual. Bernardo Carvalho. J. M. Coetzee.

O escritor como “intelectual de plantão”

“Pode a cultura sobreviver ao descrédito da duração, à morte da infinitude – essa primeira ‘vítima colateral’ da vitória do mercado consumidor?”
Zygmunt Bauman, 2011

Em seu texto “Novo nome para um velho Império: ética e literatura no mercado da globalização”, Lucia Helena lança a seguinte questão: “(...) o que significa, no século XXI, a relação entre o mercado e a literatura e vice-versa?” (HELENA, 2012, p. 40). Esta pergunta, muito pertinente para um estudo do panorama literário atual, motiva uma reflexão ainda mais densa, acerca dos papéis representados pela figura do escritor na mídia, bem como a escassez da crítica e do debate intelectual mediante a massificação dos principais meios de comunicação. De acordo com Bauman, “[h]oje, o sinal de pertencimento a uma elite cultural é o máximo de tolerância e o mínimo de seletividade” (BAUMAN, 2011, p. 18). E ainda: “o princípio do elitismo cultural é onívoro – está à vontade em qualquer ambiente cultural, sem considerar nenhum deles seu lar, muito menos o único lar” (BAUMAN, 2011, p. 19). O problema apontado por Bauman reflete diretamente nos mecanismos de produção, divulgação e recepção do texto literário, uma vez que o “produto cultural” serve a um mercado de consumo orientado para a rotatividade. Bauman vê na sociedade de consumo um crescente domínio da lógica da moda sobre a cultura, o que coopera com a perda de individualidade do sujeito e com a frequente rotatividade do “produto cultural” no mercado. Conforme Bauman, a sociedade de consumo

afasta todos os rígidos padrões e exigências, aceita todos os gostos com imparcialidade e sem uma preferência unívoca, com ‘flexibilidade’ de predileções (termo politicamente correto com que hoje se designa a falta de coragem), com impermanência e inconsequência de escolha. (BAUMAN, 2011, p. 18)

Em se tratando de mercado literário, há que se distinguir o leitor leigo, que aprecia a literatura, mas não está ligado à academia, do leitor crítico, que vai além da mera fruição e busca ter conhecimentos teóricos na área da literatura. O leitor leigo busca na leitura mais uma forma de entretenimento e, geralmente, não reflete ou questiona as implicações da lógica do consumo tanto na distribuição quanto na recepção do “produto” literário. Este é o público-alvo de certas editoras e eventos literários que atribuem ao escritor a *persona* de ícone-pop. Para este público, o foco é a quantidade e a variedade do produto, ou seja, sua capacidade de esgotamento e breve substituição. Por outro lado, para alcançar o leitor crítico, editoras e autores não se fiam apenas na obra

literária, mas promovem o livro como parte de um projeto maior desenvolvido pelo escritor, que passa a construir para si uma imagem intelectual em sites pessoais, redes sociais interativas e, principalmente, através de entrevistas publicadas em mídias digitais e impressas. Tais estratégias são bem-sucedidas no intuito de promoção da leitura e divulgação da produção literária contemporânea, estabelecendo uma aproximação, ainda que muitas vezes ilusória, entre escritores e público leitor.

Segundo Silvano Santiago, a crescente exposição do autor na mídia tem contribuído para a transformação do escritor em “intelectual de plantão” (SANTIAGO, 2004, p. 64). Neste cenário, o texto literário é frequentemente preterido em relação à imagem intelectual assumida pelo escritor em entrevistas, palestras e eventos. Conforme Santiago, “consome-se a imagem do intelectual, assimilam-se suas ideias, por mais complexas que sejam” (SANTIAGO, 2004, p. 64). Por outro lado, esta tendência pode levar jovens escritores ao descuido ou abandono do artesanato literário (SANTIAGO, 2004, p. 65). Uma vez transformado em figura midiática, o escritor tem boa parte de seu tempo de trabalho ocupado por entrevistas, feiras e eventos. As horas que restam para a escrita literária, entre uma apresentação e outra, ocorrem, muitas vezes, em quartos de hotel ou em salas de espera de aeroportos. Como resultado deste constante deslocamento do escritor surgem narrativas cada vez mais centradas no ambiente literário, com personagens envolvidos com a escrita e, por conseguinte, com as questões que advém dela.

Ao tratar deste tema em seu livro *Escritas de si, escritas do outro*, Diana Klinger destaca a importância de se tentar reconhecer qual a figura de autor que retorna na literatura contemporânea, distinguindo-a do biografismo tradicional criticado por Roland Barthes em seu conhecido ensaio “A morte do autor”. A autora relaciona diretamente o retorno do autor na literatura contemporânea à atuação do escritor como sujeito midiático numa sociedade regida pela cultura de massa. Klinger afirma:

Volto então à minha pergunta: que sentido dar ao retorno na cena literária de uma escrita do eu? Essa primeira pessoa é uma máscara produzida pelo teatro irônico da cultura midiática ou ela implica uma outra visão da obra? O termo retorno também não é evidente: quando datar esse retorno, e se há retorno é um retorno mesmo? Qual é o sujeito que retorna? Evidentemente, não se trata da figura sacrossanta do autor, tal como ela é sustentada pelo projeto autobiográfico tradicional. (KLINGER, 2014, p. 33)

Na literatura contemporânea, certos escritores, interessados em produzir uma ficção altamente crítica, ironizam as principais tendências literárias, promovendo um debate sobre o papel assumido pelo escritor na sociedade líquido-moderna. Na obra

ficcional de Bernardo Carvalho e J. M. Coetzee, pode-se perceber uma forte reflexão sobre a banalidade da escrita na sociedade de consumo, o enfraquecimento do debate intelectual e o papel assumido por escritores, jornalistas e críticos no meio cultural em que atuam. Some-se a isto a polêmica gerada pela imagem intelectual atribuída a estes escritores por críticos e jornalistas, com base nas performances desempenhadas por eles tanto nas apresentações em eventos literários, como nas entrevistas concedidas a periódicos acadêmicos e jornais (digitais ou impressos) de ampla circulação.

Em seu romance *Verão* (2009), Coetzee ironiza o crescente mercado biográfico através do personagem Vincent, um pretense biógrafo que opta pela escrita da biografia do então falecido escritor J. M. Coetzee (personagem do romance) como meio para alcançar a fama. Convém destacar a forma como é organizado o livro. A primeira parte comporta os fictícios cadernos que Coetzee teria escrito entre 1972 e 1975, selecionados por Vincent como base para sua pesquisa sobre a vida do autor biografado. Destes cadernos, Vincent elege cinco nomes de pessoas que representam diferentes relacionamentos vividos pelo escritor em momentos distintos de sua vida e carreira. Em sequência, Julia, Margot, Adriana, Martin e Sophie são entrevistados pelo biógrafo, compondo assim a segunda parte do romance. Encerram a narrativa alguns fragmentos sem data, também atribuídos ao falecido Coetzee.

No decorrer das entrevistas, Vincent deixa transparecer aos poucos sua verdadeira intenção ao se propor à escrita de uma biografia. Em conversa com Julia, ex-amante do escritor, ele revela jamais ter se encontrado pessoalmente com Coetzee: “Eu nunca procurei John Coetzee. Nunca me correspondi com ele. Achei que seria melhor eu não ter nenhum compromisso com ele” (COETZEE, 2010, p. 41). Martin, acadêmico que foi concorrente de Coetzee a uma vaga de emprego no passado, questiona o projeto de Vincent, apontando sua maior falha: o “autor” sobrepõe algumas situações da vida íntima de Coetzee, como seus relacionamentos amorosos, a sua carreira e obra. Aliás, Vincent admite conhecer pouco o trabalho do falecido escritor. Martin critica a postura do biógrafo, afirmando:

O senhor não devia pensar nisso? Não vai obter inevitavelmente um relato que tende para o pessoal e o íntimo às custas do real valor do sujeito enquanto escritor? Não vai acabar obtendo nada mais que – desculpe colocar dessa forma – nada mais que intriga feminina?
(...)

Repito, a mim parece estranho fazer a biografia de um escritor ignorando seus escritos. Mas talvez eu esteja errado. Talvez eu seja antiquado.
(COETZEE, 2010, pp. 225-226)

O questionamento de Martin quanto à apropriação que Vincent faz do nome do autor John Coetzee para escrever uma biografia meramente voltada para a vida íntima da figura célebre que o escritor se tornou após receber o prêmio Nobel pode se estender à crítica de certos autores contemporâneos, como o próprio Coetzee, à supervalorização da figura representada pelo autor perante o mercado. Na leitura de Vincent, o texto literário fica em segundo plano, cedendo seu espaço às referências biográficas que poderiam suscitar discussões polêmicas sobre a imagem do escritor biografado. Por isso, durante a entrevista com Sophie Denoël, Vincent se refere a Coetzee como o escritor que representava a imagem de “intelectual frio e arrogante” que nunca foi aceito pelo público “em seu coração coletivo” (COETZEE, 2010, p. 244). Esta fala revela um problema ainda persistente no meio literário: a noção de que o escritor cuja obra é reconhecida pela crítica e que mantém uma postura intelectual adversa à exposição midiática não alcança a aceitação do grande público. Em estudo recente sobre a obra deste escritor, Lucia Helena afirma:

Ironizando leituras que não penetrem pela fresta do sentido, o trabalho de Coetzee incita o leitor a adotar posturas por vezes tidas como “fora de moda”, não requisitadas na roda dos divertimentos do pastiche pós-moderno, incitando um potencial criativo que ultrapassa algo que, podendo parecer novo, constituiria um novo lugar-comum. Sua estratégia inteligente demanda que o leitor esteja atento à permanente tensão, na escrita, entre verdade e mentira, especialmente quando esta é uma ficção que joga com um sugerido alter ego do autor. (HELENA, 2012, pp. 92-93)

Leitor estudioso e exigente, o escritor Bernardo Carvalho deixa entrever tanto em sua obra ficcional quanto em seus textos críticos as referências que o ajudaram a compor seu estilo de escrita. Em *O mundo fora dos eixos*, os nomes de J. M. Coetzee e Thomas Bernhard são frequentemente associados à literatura que resiste à “banalidade da escrita” e à “infantilização do espectador”. As crônicas, resenhas e ficções que compõem este livro revelam um olhar arguto e questionador sobre os caminhos tomados pela arte no cenário cultural do início do século XXI.

O papel desempenhado por Bernardo Carvalho no atual cenário literário brasileiro parece oscilar entre o desejo de garantir o *status* alcançado mediante público e crítica e, ao mesmo tempo, refletir sobre as práticas da escrita na literatura contemporânea e os mecanismos que a envolvem. Teresa Chaves discute a polêmica gerada pela obra deste autor, afirmando que, segundo alguns críticos, “(...) Carvalho encontrou uma fórmula para agradar uma editora e permanece nela, só nela”. E conclui afirmando que “[e]nquanto isso, o escritor escolhe uma terceira via e despeja nela a sua

acidez, explicando seus textos sem explicá-los, horrorizando-se com a falta de leitura generalizada sem pensar em oferecer alternativas” (CHAVES, 2009, p. 1). Na opinião de Chaves, “Carvalho se apresenta, antes de mais nada, pela controvérsia” (CHAVES, 2009, p. 1). Se a imagem intelectual que Bernardo Carvalho apresenta para o público leitor confunde os críticos, provocando opiniões contrastantes sobre seus romances, esta mesma controvérsia também confere notoriedade ao autor e à sua obra, abrindo cada vez mais espaço para o seu discurso na mídia.

Em *Reprodução*, romance publicado em setembro de 2013, Bernardo Carvalho desenvolve uma reflexão irônica sobre a crise dos afetos e da subjetividade numa sociedade dominada pela cibercultura. Carvalho critica o ciber-sujeito que se submete ao império da Internet sem ao menos refletir sobre o lugar que ocupa nessa imensa rede de contatos. Seu protagonista, o estudante de chinês, é a representação do típico internauta viciado nas facilidades oferecidas por esta rede de comunicação. Sua palavra-chave é a atualização, que se dá por meio da leitura frequente de *blogs*, *sites* de informação, notícias e redes sociais. Mas o ciber-sujeito, carente de senso crítico tanto quanto de afetos, apenas absorve conteúdos, sem se dar ao trabalho de estabelecer uma opinião própria sobre eles. Por isso, o protagonista deste romance confunde opinião com a mera reprodução de ideias pré-formuladas.

O protagonista é retido no aeroporto por suposto envolvimento com uma mulher acusada de tráfico. A partir daí se inicia um diálogo, no qual o leitor só tem acesso à voz do rapaz, a quem o narrador se refere apenas como “o estudante de chinês”. Enquanto tenta provar sua inocência, o estudante reproduz uma série de conceitos e frases prontas absorvidos de leituras breves, sem a mínima reflexão crítica. Além disso, em vários momentos o personagem pergunta se o policial que o interroga possui rede *wi-fi* no trabalho para acessar as fontes de informação que ele costuma buscar. Para o estudante de chinês, informação é sinônimo de poder. É seu único argumento diante das questões levantadas pelo policial:

“Não sabia? Pois leia. Na rede.” (CARVALHO, 2013, p. 31);
Não só revista semanal. Jornal também. Leio blog. Acompanho. Sei do que estou falando. Leio os colunistas. É! Colunistas de jornal, sim, senhor. Colunistas, articulistas, cronistas. Revista, jornal, blog. Gente preparada, que fala com propriedade, porque sabe o que está dizendo. (CARVALHO, 2013, p. 38)
Acha que não acompanho os colunistas? Acha que não sei dos políticos? E da polícia? (CARVALHO, 2013, p.41)

O personagem se deixa enganar pelas armadilhas do discurso que reproduz. Desta forma, o autor critica o empobrecimento do debate intelectual no mundo líquido moderno, no qual qualquer indivíduo pode desempenhar uma imagem intelectual através da escrita em *blogs* e redes sociais. Essa tendência à reprodução impede que ocorra de fato um debate, o que é representado, no romance, pelo “diálogo de surdos” entre o estudante de chinês e o policial. Dessa forma, pode-se afirmar que o estudante de chinês representa a crise dos afetos vivida pelo indivíduo pós-moderno, que “vive imerso em situações de crise, das quais o choque se torna tão habitual que o desensibiliza em relação tanto a si mesmo quanto aos outros” (BORDINI, 2007, p. 54).

Coetzee e Carvalho demonstram a habilidade de não lidarem de modo idealista, ingênuo ou arrogante com a empreitada lógica do mercado, que articula a literatura a qualquer tipo de bem. Suas obras apresentam intensa discussão acerca dos papéis desempenhados pelo escritor diante de um mercado literário cada vez mais propenso à brevidade do consumo. A performance intelectual que apresentam para público e crítica não minimiza o debate e a reflexão a que se propõem, o que nos permite considerar sua obra exemplo da arte que não se destina ao breve consumo e ao desperdício.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. A cultura da oferta. In: *Capitalismo parasitário*. E outros temas contemporâneos. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *A cultura no mundo líquido moderno*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. Da frigideira ao fogo, ou as artes entre a administração e o mercado. In: _____. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Trad.: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CHAVES, Teresa. Estilo de Bernardo Carvalho passeia entre cinismo e coragem. Colaboração para *Folha Online*. 29/6/2009. Disponível na internet via: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u587494.shtml>. Último acesso em julho de 2013.

CARVALHO, Bernardo. A trama traiçoeira de *Nove noites*. Entrevista concedida a Flávio Moura. *Revista Trópico*. São Paulo, 19/02/2003.

_____. Bernardo Carvalho e a literatura como antídoto da banalidade. Entrevista concedida a Marco Sanchez. *Deutsche Welle*. Agosto de 2011. Disponível na internet via: <http://www.dw.de/bernardo-carvalho-e-a-literatura-como-antidoto-da-banalidade/a-15352025>. Último acesso em junho de 2013.

_____. Entrevista com Bernardo Carvalho. Entrevista concedida a Juan Pablo Villalobos. *Blog da Companhia*. Disponível na internet via: www.blogdacompanhia.com.br. Janeiro de 2013. Último acesso em junho de 2013.

_____. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Nove noites*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

_____. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O mundo fora dos eixos: crônicas, resenhas e ficções*. São Paulo: PubliFolha, 2005.

_____. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. “Você acha que usa a internet, mas está sendo usado por ela”, diz Bernardo Carvalho. Entrevista concedida a Raquel Cozer. *Folha Online*. 21/09/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/09/1344976-voce-acha-que-usa-a-internet-mas-esta-sendo-usado-por-ela-diz-bernardo-de-carvalho.shtml>

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Diário de um ano ruim*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Verão*. Cenas da vida na província. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

COZER, Raquel. Tendência de autoficção se confunde com fase de superexposição de escritores. In: Ilustrada, *Folha Online*. 7/12/2013. Disponível via: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/12/1381961-tendencia-de-autoficcao-coincide-com-fase-de-superexposicao-de-escritores.shtml>

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho*. Autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2013.

HELENA, Lucia. As mandingas do senhor Coetzee em *Diário de um ano ruim*. *Mulemba 7, Intertextualidade nas literaturas africanas ontem e hoje*, Revista do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, v. 1, número 7, dez, 2012, pp. 1-16.

_____. *Ficções do desassossego*: fragmentos da solidão contemporânea. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

_____. *Náufragos da esperança*: a literatura na época da incerteza. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

_____. Novo nome para um velho Império: ética e literatura no mercado da globalização. *SOLETRAS 24*, Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, jul. - dez. 2012.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro*. O retorno do autor e a virada etnográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LAUB, Michel. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Entrevista com Michel Laub. Entrevista concedida a Felício Dias e Paulo César Oliveira. *SOLETRAS*. Revista do Departamento de Letras da FFP-UERJ, Número 25, jan.-jun. 2013.

PINTO, Sílvia Regina. Identidade e realismo na ficção contemporânea. In: JOBIM, José Luís e PELOSO, Silvano (org.). *Identidade e literatura*. Rio de Janeiro/Roma: UERJ/Universitá de Roma, 2006.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*. Expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.